

# REGIÃO-FRONTEIRA: lugar de permanências no Alto Oeste Potiguar

*Carla Camila Gomes Freitas<sup>1</sup>*

*Larissa da Silva Ferreira Alves<sup>2</sup>*

## Resumo

O presente trabalho intenta estudar a fronteira interna do Alto Oeste Potiguar, localizada entre os Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba e Ceará, enquanto um lugar de permanências, de trocas indenitárias e de resistência cultural. Para tanto, foi necessário discutir e entender a importância das fronteiras numa perspectiva simbólica, como também, fazer um levantamento sobre Pau dos Ferros-RN, por ser considerado um centro polarizador de convergência populacional dessa região de fronteira. Foi feita uma revisão bibliográfica para ter-se um aporte teórico com autores como Nogueira (2007), Frasson; Schillosser (2014), Bezerra (2016), Carneiro (2014), Moreira; Barros (2009), Dantas; Clementino (2015), dentre outros, que trabalham a temática de fronteira e da região do Alto Oeste Potiguar. Vale salientar que mesmo Pau dos Ferros-RN polarizando e sendo local convergente dessa região fronteira, ainda consegue ter permanências culturais e indenitárias.

**Palavras chave:** Fronteira. Alto Oeste Potiguar. Permanências. Identidade. Pau dos Ferros-RN.

## 1 Introdução

Mergulhar no rio das fronteiras é abordar conceitos que vão para além do que se é concreto e palpável, é aprofundar-se em temas que existem na atualidade, mas que carregam uma enorme bagagem do tempo. Todavia, trabalhar as fronteiras é entender as permanências, as ausências e todos os contextos que circundam estes lugares, identidade, cultura, religião, economia etc.

A fronteira enquanto lugar enunciativo e de relações sociais, econômicas, políticas e culturais, formula uma região que pode ser (ou não) pela modernização da globalização em contrapartida com o tradicional local. Entretanto, é importante ressaltar que as regiões de fronteiras são produtoras de mesclagens culturais indenitárias, visto que estes espaços são cotidianamente entrelaçados por povos diferenciados, cada qual com suas potencialidades e fragilidades. Portanto, questiona-se, que elementos simbólicos e identitário podem ser resgatados no Alto Oeste Potiguar, entendendo-o enquanto uma região fronteira?

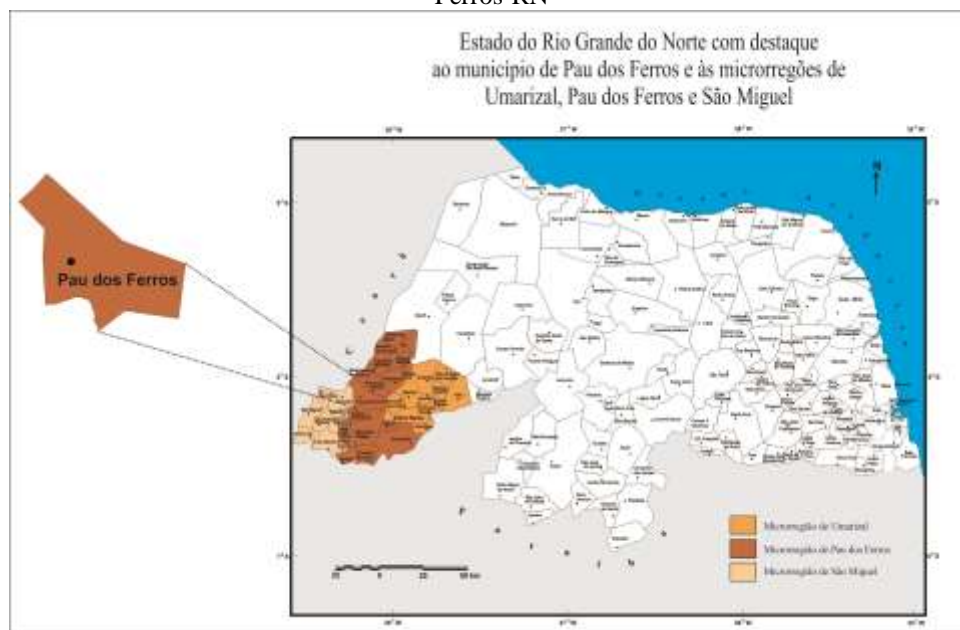
---

<sup>1</sup> Graduanda do Curso de Geografia da UERN/campus CAMEAM, Pau dos Ferros. Estudante vinculada ao Núcleo de Estudos em Geografia Agrária e Regional (NuGAR). E-mail: [camilla.gomes1@hotmail.com](mailto:camilla.gomes1@hotmail.com)

<sup>2</sup> Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> do Curso de Geografia; Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Planejamento e Dinâmicas Territoriais no Semiárido (PLANDITES) e Pesquisadora do Núcleo de Estudos em Geografia Agrária e Regional (NuGAR), campus CAMEAM/UERN, Pau dos Ferros. E-mail: [larissafeirra@uern.br](mailto:larissafeirra@uern.br)

Nesse contexto, o objetivo desse estudo é compreender a fronteira em sua perspectiva simbólica, mais especificamente a fronteira do Alto Oeste Potiguar a partir do papel do município de Pau dos Ferros-RN (**Figura1**), enquanto lócus polarizador regional das diferentes formas de apropriação das fronteiras a partir da vivência do *eu* com os *outros*.

**Figura 01** – Região do Alto Oeste Potiguar, composta por 03 microrregiões, com destaque a Pau dos Ferros-RN



**Fonte:** IBGE (2007). Adaptado por ALVES, Larissa da S. Ferreira, 2017.

Para tanto esse ensaio teórico abordará alguns conceitos sobre fronteira enquanto um território identitário e cultural. Além de ser um lugar de múltiplas identidades, as fronteiras carregam permanências que resistem ao tempo, é o que este estudo pretende destacar dentro da perspectiva de Pau dos Ferros-RN incluído no Alto Oeste Potiguar do semiárido nordestino, destacando estudos que abordam as identidades regionais e do município em si. Posto isto, entendeu-se que um dos elementos que tornam a fronteira do Alto Oeste dinâmica e, ao mesmo tempo, de permanências identitária, desde seus primórdios de forma histórica e cultural, é a presença da feira livre no município de Pau dos Ferros-RN.

Esse trabalho está dividido em seis partes. Além dessa introdução, a seção 2 *Fronteira: abordagens conceituais* visa traçar conceitos básicos norteadores do que aqui entendemos como fronteiras; seção 3 *Fronteira como um lugar identitário e cultural* aborda conceitos e temas da fronteira enquanto um lugar repleto de identidades e vivências culturais; seção 4 *Pau dos Ferros-RN e a fronteira do Alto Oeste Potiguar*

busca identificar o município de Pau dos Ferros enquanto fronteira interna do Alto Oeste Potiguar; seção 5 *Permanências na Fronteira do Alto Oeste Potiguar* aborda a feira livre de Pau dos Ferros enquanto permanência identitária, cultural e econômica na fronteira do Alto Oeste e, por fim, as considerações finais da pesquisa.

## **2 Fronteira: abordagens conceituais**

Atualmente com a modernidade, com o aumento dos fluxos, com a presença constante e influenciadora da globalização, usar o termo fronteira pode parecer algo ultrapassado. Contudo, é importante destacar que a globalização cresceu junto às fronteiras, sendo presença e preocupação marcantes de todo processo de redefinições dos territórios. Isso porque as fronteiras estavam na imaginação do explorador que se via prestes a descobrir o que havia por trás das fronteiras além-mar, prestes a ultrapassá-las e conhecerem o novo. Dias (2011) relata essas memórias afirmando que

foram muitos os viajantes e memorialistas que, a exemplo de Colombo e Caminha, interpretaram o mundo a partir das referências simbólicas e imaginárias europeias. Contudo, para conquistar estes povos tornava-se necessário romper as fronteiras culturais. (DIAS, 2011, p. 286).

Romper as fronteiras culturais significa criar uma abertura para suas próprias fronteiras, seus próprios limites. Os viajantes eram postos a desabrochar suas imaginações e medos para que o novo mundo fosse descoberto. Era essa imaginação que fazia nascerem os mitos de monstros marinhos, de maldições entre outras estórias que são contadas até hoje.

“Como um conceito político, a fronteira surge a partir de um pensamento positivista e que entra na Geografia Ratzeliana sendo parte de um organismo maior que é o Estado.” (NOGUEIRA, 2007, P. 28). Não obstante, este mesmo autor acrescenta que o conceito de fronteira remete ao latim *front, in front*, que significa as margens, que está no centro e se trata de algo subordinado. Concomitantemente, se a fronteira é vista como espaço subordinado, a mesma tende a ser influenciada por forças de poder, sejam elas políticas, econômicas ou sociais.

O território da fronteira é campo de conflitos em suas mais diversas perspectivas, como também de rupturas de duas ou mais sociedades, seja ela numa escala micro, do interior de um país, sendo ela macro, em escala nacional, ou internacional.

A fronteira pode ser reconhecida através de sua cultura, por exemplo, onde há povos que vivem e resistem às mazelas e mudanças da escala espaço temporal, mas vale salientar que “a fronteira viabiliza movimentos simultâneos que podem até ser contraditórios: ora os sujeitos são acolhidos, ora são rejeitados pelas mesmas motivações”. (SOUZA, 2014, p. 477).

A fronteira é um espaço de diversidades, identidades e permanências. Cabem aos moradores lembranças e memórias, sendo essa definida “como um hábito, ou seja, como um mecanismo motor e cultural, cotidianamente presente na vida de indivíduos e grupos” (MOREIRA; BARROS, 2009, p. 52), concretizada por aquilo que foi construído, reconstruído ou destruído ao longo dos anos.

O território da fronteira constitui-se, pois, de um espaço único e complexo. Complexidade essa existente por meio de experiências do que se vive, por se tratar de um lugar de múltiplas realidades, moldado por alteridades que delimitam. Neste sentido, Souza (2014) argumenta que

num contexto social e cultural a ideia de fronteira é um desdobramento da ideia de Nação, ambas comparadas como construções discursivas e por isso com implicações simbólicas. A fronteira se constrói a partir da diferença, se molda rente à Alteridade e precisa dela para determina-se. A fronteira, então, denuncia as tensões entre dois espaços: o dentro e o fora; o Eu e o Outro. [...]. (SOUZA, 2014, p. 475).

Corroborando com a autora, existe a fronteira do simbolismo que, por sua vez, se forma através do que é diferente, isto é, caracterizada pelas diferenças principalmente de povos distintos, com suas próprias identidades, mas que se mesclam na fronteira.

Contudo para entender a fronteira é necessário entender o planejamento desse território, seja ela uma fronteira interna (dentro do país) ou externa (limite do Estado-nação). Cada fronteira contém suas origens, suas permanências, suas culturas, suas formas de produção, temporalidades, portanto, elas trazem consigo mesmas identidades que lhes são próprias.

Por exemplo, existe governança territorial na e para a fronteira? Qual a economia que circula neste ou naquele território fronteiriço e as políticas públicas existentes? Como mensurar a influência do capitalismo, da exploração da mão-de-obra, entre outras influências que constituem os espaços geográficos, caracterizando-os com suas vivências e influências no decorrer do tempo? São muitas as questões problematizadas desses espaços.

Portanto, acredita-se, que a fronteira é um território susceptível à transformações, um lugar de passagens, de trocas. Mas por outro viés, um lugar também de permanências, de resistência de cultura, que hora ou outra sofre com a chegada do novo, posto isso, é privilegiada por ser um espaço de muitas identidades, sendo considerada assim, um lugar identitário e cultural.

### **3 Fronteira como um lugar identitário e cultural**

Normalmente a fronteira é vista em primeira instância como algo demarcado e limitado, por e através de forças políticas. Ao contrário do que muitos pensam, a fronteira é antes de tudo, o lugar da chegada, da partida, identidade cultural com suas crenças, mitos, tradições, religião, músicas, tribos, enfim um espaço de múltiplas identidades.

A fronteira vista como um campo de identidades traz consigo mesma a cultura, o enraizamento de povos diversificados, que ora vivem em harmonia, ora vivem confrontos. Dias (2011) estudando as fronteiras nessa perspectiva identitária, afirma que

[...] Embora o termo fronteira tenha sido utilizado comumente pelos historiadores para designar os limites entre nações, pode ser e é aplicado também para definir os limites entre culturas e identidades. [...]. (DIAS, 2011, p. 275).

Diante disto, a fronteira é vista como um espaço de poder, de demarcações e de disputas por territórios. Por mais que o lugar fronteiriço esteja em um contexto de grande significância simbólica, o mesmo contextualiza limites dentro de si próprio gerando territorialidades e confrontos, pois a fronteira presencia chegadas e partidas, onde existe a chegada do novo, da troca de identidades, da perda de vínculos e do enraizamento e desraizamento.

De fato, as fronteiras simbolizam misturas de povos, conseqüentemente ao se mesclarem vão aos poucos constituindo novas identidades e alteridades. Cada lugar tem uma identidade que, em vários casos, podem passar despercebidas, já que o que é identidade para um habitante pode não ser para o viajor ou visse versa. Portanto, o simbolismo, a identidade fronteiriça, sua cultura e dia-a-dia pode ser vistas por muitos vieses.

Existe na fronteira uma cultura enraizada, e uma cultura mesclada com a chegada do migrante. Uma identidade de variações linguísticas, uma mistura de vidas

vividas que são diferentes do restante dos espaços. Pode se dizer que fronteira é a porta de entrada para se conhecer determinadas identidades. “A identidade é, então, tanto um marcador de pertencimentos quanto um dispositivo móvel de referencialidades” (MOREIRA; BARROS, 2009, p. 58). Não obstante, entender a fronteira talvez seja algo semântico, entendido apenas para quem vive no lugar. Apropriar-nos-emos dessa compreensão ao buscar entender a nossa fronteira, que é a fronteira interna do Alto Oeste Potiguar.

Para isso, faz-se necessário ultrapassar a linha da fronteira e conhecer *do lado de cá*<sup>3</sup> como uma nova identidade quase inevitável, pois, durante o cotidiano existem necessidades que fazem esse encontro acontecer, como contextualiza Strurza:

[...] Quer dizer, os sujeitos entram em contato por necessidades de toda ordem, criam modos de intercomunica-se como, por exemplo, mesclar duas línguas para melhor interagir com o seu vizinho, o seu cliente, o seu visitante, o seu parente. (STURZA, 2010, p. 87).

Segundo o autor supracitado, pode-se afirmar que são essas necessidades de cunho social, econômico, político ou cultural, que a todo instante requerem uma necessidade diferente. Festividades, acordos políticos, intervenções sociais ou econômicas que hora ou outra interferem na cultura das fronteiras, estão sempre presentes perfazendo-as, recontando-as, remontando-as.

Todavia, acredita-se que as relações existentes na fronteira contribuem para que novas identidades sejam construídas. Assim, o lugar fronteiriço torna de estratégias para que exista a interação “pois estas apontam para trocas culturais, mesclas indenitárias, intercâmbios e de fluxos de ordem simbólica” (SOUZA, 2014, p. 479).

Vale ressaltar que a fronteira ao longo da história entrelaça justamente a construção da variação de culturas, isso tanto das fronteiras internas quanto externas. Entretanto, apesar de ser pouco estudada, a fronteira interna talvez carregue um cruzamento de múltiplas identidades, de um simbolismo e de permanências, que muitas das vezes passam despercebidas diante da sociedade por estarem inclusas no contexto de um Estado-nação que teoricamente contém maior homogeneidade na sua tessitura social.

---

<sup>3</sup> STURZA (2010).

Não obstante, entende-se a importância das fronteiras internas existentes no país. Assim, a fronteira do Alto Oeste Potiguar, bem como as demais fronteiras internas, tem o seu papel fundamental. Tomaremos para análise o município de Pau dos Ferros-RN, por ser área dinamizada da região, convergindo para si muito das trocas e vivências com os outros três Estados de influência da região.

#### **4 Pau dos Ferros-RN e a fronteira do Alto Oeste Potiguar**

Para nos imbuirmos no contexto específico de uma fronteira interna, é importante resgatar Cataia (2007), ao afirmar que

[...] é fundamental destacar que num país de organização política federativa como o Brasil, as diferentes legislações (tributárias, fiscais, ambientais, etc.) só existem porque as fronteiras internas circunscrevem espaços políticos com poder para legislar. (CATAIA 2007, p. 03).

Segundo o autor, as fronteiras internas circunscrevem espaços políticos de poder, de limites e de vivências dentro de um determinado país. Ou seja, elas existem, prescindem a organização social e territorial da nação e um exemplo de fronteira que aqui será tomada para análise é o Alto Oeste Potiguar, localizado em uma fronteira interna entre os estados do Rio Grande do Norte, Ceará e Paraíba.

O município de Pau dos Ferros está localizado no Alto Oeste Potiguar, Estado do Rio Grande do Norte, incluído no semiárido do sertão nordestino e, de acordo com a última estimativa da população do IBGE (2017), tem cerca de 30 mil habitantes. Pau dos Ferros é distinguido como um território de múltiplas culturas que foram construídas ao longo de sua história, caracterizadamente como um espelho, lócus da significância e sinergia envoltas na fronteira interna do Alto Oeste Potiguar, que envolve os estados do RN, Paraíba e Ceará.

Ainda de acordo com o IBGE (2017),

A origem do topônimo Pau dos Ferros assim é explicada por Luís da Câmara Cascudo, com apoio na tradição oral sertaneja: os vaqueiros que transitavam pela zona e tinham por hábito repousar à sombra das frondosas oiticicas, que se erguiam à beira de pequena lagoa, gravavam no tronco de uma delas, com ferro em brasa, as marcas das respectivas fazendas, a fim de torná-las conhecidas, facilitando assim a identificação das reses tresmalhadas. A árvore ficou conhecida como Pau dos Ferros, nome que se estendeu à fazenda e, posteriormente, à freguesia e ao Município. O "pau-dos-ferros", comum a várias zonas

pastoris, - acentua aquele escritor - constitui uma das mais curiosas instituições solidaristas do Nordeste. (IBGE, 2017).

Desde seus primórdios Pau dos Ferros fora um lugar de trânsito, seja de pessoas ou de gado. Como local de relações, a fronteira já se fazia presente neste espaço, pois estava nas pessoas que ultrapassavam junto do que era considerado comercial na época: a pecuária extensiva, a carne de charque e demais trocas vinculadas a produção agrícola.

Todavia, até os dias atuais, hoje talvez mais do que nunca, Pau dos Ferros seja considerado como um município receptivo, onde existe uma mistura de culturas formadas por aquelas que ultrapassam fronteiras para suprir necessidades de ensino superior, de saúde e emprego, já que Pau dos Ferros “continua sendo aquela que concentra as principais atividades comerciais e de serviços da região” (BEZERRA, 2016, p. 319). Não obstante, Dantas; Clementino (2015) ressaltam que

Pau dos Ferros está localizado no interior do retângulo formado pelo encontro de quatro rodovias federais (BRs 405 e 226 no RN, BR 230 na PB e BR 116 no CE), mais precisamente na intersecção das BRs 405 e 226, o que permite a cidade constituir-se num entroncamento de vias de circulação e nó de tráfego, envolvendo pessoas, capitais, informações, mercadorias e serviços. (DANTAS; CLEMENTINO, 2015, p. 09).

Pau dos Ferros é considerada lócus de uma fronteira interna, que influencia outros municípios pelo fato de estar dentro de um contexto polarizador de fluxo de pessoas, informações, mercadorias e serviços, como citaram os autores acima.

Da mesma forma que nos caminhos de gado dos tempos de outrora, “a dinâmica de influencia da cidade de Pau dos Ferros pode ser visualizada pela circulação de carros de *linha*, que se deslocam diariamente de diversas localidades para a cidade conduzindo mercadorias e pessoas” (SILVA; GUERRA; DANTAS, 2015, p. 798). Torna-se um lugar de fronteira com múltiplas identidades, um lugar de vivências diferenciadas que se misturam para suprir as necessidades, tanto para quem está na fronteira, quanto para quem entra nesta.

Pau dos Ferros é considerado um município receptor de uma grande área de influência, que extrapola os limites do estado do RN, para as fronteiras do Ceará e Paraíba. Isso posto, é considerando o município como centralidade de uma fronteira interna, cabe destacar que este local é considerado de múltiplas vivências, dadas pelo grande fluxo de pessoas que atravessam a fronteira e se deslocam na região por objetivos distintos. Contudo, como já posto anteriormente, a fronteira se “molda rente à



alteridade”<sup>4</sup>, ou seja, as alterações fundidas pelas trocas humanas e do capital existentes na fronteira é o que compõe estes lugares, a mudança diferencia as zonas de fronteira.

Pau dos Ferros se constitui como lugar de muitas identidades, de culturas, mas que apesar, de toda essa mistura, resistiu e consolidou-se com permanências. Buscando compreender essa dinâmica, estudamos Moreira; Barros (2009) que discutem conceitualmente sobre fronteiras, ao afirmarem que

não é a cidade diversa que transforma a identidade em algo fluido e diverso, mas é a cultura que altera a ambas e permite que tenhamos esse paradoxal processo na cidade e na memória – revelando, no mesmo jogo pertencimentos e trocas. (MOREIRA; BARROS, 2009, p. 58).

Segundo os autores supracitados, o que maior influencia nas diversidades das cidades e geradora de fluxos é a cultura, onde resguarda pertencimentos e trocas. Mediante isto, Pau dos Ferros, enquanto local de uma multiplicidade de identidades, ainda se encontra com permanências culturais como a feira livre, dentre outras resistências da região.

## **5 Permanências na Fronteira do Alto Oeste Potiguar**

O avanço da globalização e as ligações das mais diversas redes geográficas vêm nos últimos tempos desempenhando um papel importantíssimo, no que diz respeito à aproximação da população e conseqüentemente do que cada pessoa, cada cidade, estado ou país se identifica, isto é, as peculiaridades de locais adentram outros lugares, assim ultrapassando limites políticos e entram nas zonas de fronteira.

Nas fronteiras, principalmente internas, existe a integração de forma única e tradicional. Por ser única não insiste em não ter a diferença entre “nós” e os “outros”<sup>5</sup>, pelo contrário, a vivência de nós que estamos na fronteira com os outros que se inserem nesta zona é o motivo pelo qual a fronteira seja um lugar único e diferenciado.

Todavia, “o sertão tornou-se um lugar de fronteira propício para instalar diálogos com o maravilhoso e para estabelecer novas identidades culturais”. (DIAS, 2011, p. 296). Destarte, o que torna belo na colocação do autor é saber que as fronteiras

---

<sup>4</sup> SOUZA, (2014).

<sup>5</sup> FRASSON; SCHLOSSER, (2014).

do sertão, dentre suas veredas têm valores, formas simbólicas, culturais e indenitárias, lendas, crenças e mitos construídos historicamente entrelaçadas e, ao mesmo tempo, à revelia da formação dos ecúmenos.

A fronteira interna do Alto Oeste Potiguar se constitui como um espaço de interações tradicionais, onde existe um cruzamento cultural e identitário. As permanências tradicionais são presentes nessa região. A existência desta fronteira não poderia ser vista de outra forma, a não ser como lugar de interações. Desde seus primórdios com o surgimento de Pau dos Ferros em pouco tempo a feira livre já caracteriza-se como aglomerado de mercadorias, conseqüentemente de pessoas, fixando-se como um dos grandes elementos identitário-regional. Citando Barreto, afirma-se que

de início, eram os elementos da terra que se congregavam em torno da movimentação feirante, comprando, vendendo, ou simplesmente conversando ou trocando ideias. Depois, foram chegando moradores das vizinhanças atraídos pela popularidade e importância comercial da feira e alargando o intercâmbio social e econômico do município e da própria região. A feira que primitivamente representava um pequeno ponto de encontro e reunião dos habitantes locais se transformou posteriormente num importante entreposto de comercialização dos mais variados produtos de abastecimento e consumo como: cereais, tecidos, confecções, calçados, miudezas, artesanato etc. (BARRETO, 1987, p. 97).

Acredita-se que foi a feira um dos principais pontos de partida para a construção cultural indenitária da região fronteira do Alto Oeste Potiguar, responsável pela articulação histórica deste local. Constitui-se na região permanências de economias tradicionais, assim como as formas e mecanismos de troca dessas produções, como a criação de gado, economia esta que está presente no local desde seus primórdios, onde as “novas fronteiras geográficas conquistada pelo boiadeiro desbravador e povoada pelo posseiro desassombrado” (BARRETO, 1987, p. 29), manteve-se resistente e fomentou a feira livre de Pau dos Ferros – RN, existente até os dias atuais.

Carneiro (2014), ao abordar a feira de Pau dos Ferros-RN em suas diversas perspectivas, destaca que

[...] a feira não somente atrai pessoas advindas das cidades da região do Alto Oeste Potiguar, mas de outros estados vizinhos, incluindo a Paraíba e o Ceará, conformando um circuito espacial da produção regional, importante economicamente para sua produção material e simbólica. (CARNEIRO, 2014, p. 59).

De acordo com o autor, destacamos desta forma a feira enquanto uma permanência cultural e econômica, inteiramente ligada com a origem e formação da região de Pau dos Ferros-RN e os estados que fazem fronteira com o Alto Oeste Potiguar. A feira dentro da fronteira vai para além dos significados econômicos, como resguarda o autor, pois nela existe uma produção material e simbólica, por e a partir de vivências de quem se entrelaçam na feira formam enclaves identitários, não somente dos feirantes, mas de todo o entorno de pessoas que frequentam este espaço. Todavia, a feira livre de Pau dos Ferros “transformou-se num centro sub-regional, de elevado alcance espacial na fronteira CE-RN-PB”. (CARNEIRO, 2014, p. 69).

Destarte, a fronteira do Alto Oeste Potiguar não é considerada como de confrontos e territorialidades, a mesma é vista dentro de um contexto, humanístico, econômico e cultural. Todavia, por ser uma área de fronteira a região tende a transforma-se pela simples convivência com as divergências de culturas diferenciadas, pois, “não existe grupos culturais imutáveis, nem identidades estáveis” (MOREIRA; BARROS, 2009, p. 54).

A vida, o cotidiano e todos os desdobramentos de quem estão acentuados na zona de fronteira do Alto Oeste Potiguar, bem como em outras áreas de fronteira, tendem a estarem sujeitas às transformações que ondulam este espaço geográfico. Contudo, ressalta-se que sempre existirão as permanências do lugar fronteiriço, tendo em vista que não se perde o que é enraizado, o que é identitário, mas novas identidades podem ser construídas com a chegada do que é novo.

## **6 Considerações finais**

Ao longo dos anos e de acordo com cada temporalidade do espaço, os lugares se transformam, se reformulam de acordo com cada potencialidade e fragilidade que as regiões apresentam. É bem verdade que a escala espaço-temporal recobre o que é cultural e identitário, assim, existe uma resistência das simbologias locais.

De acordo com o exposto, acredita-se que a região do Alto Oeste Potiguar é uma fronteira interna no semiárido nordestino, marcada por suas veredas enquanto lugar de trocas indenitárias e mesclagens de culturas diferenciadas, especialmente situando Pau dos Ferros-RN pelo fato de ser uma cidade receptora e de grande influência nos demais municípios e os Estados do CE e PB, apresentando certa resistência das permanências do lugar, convivendo com as forças da mudança. Várias são as perspectivas de se

compreender o Alto Oeste como uma região fronteira, cabendo ao leitor dessa região entendê-la pela perspectiva que lhe cabe.

## REFERÊNCIAS

- BARRETO, José Jacome. **Pau dos Ferros: história, tradição e realidade**. Mimeo, 1987.
- BEZERRA, Josué Alencar. . Novos processos e formas espaciais no intra-urbano de Pau dos Ferros (RN). In: Larissa da Silva Ferreira Alves; Joseney Rodrigues de Queiroz Dantas; Alcides Leão Santos Júnior. (Org.). **1º ENCONTRO NACIONAL DE PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL NO SEMIÁRIDO: I ENAPUR-SEMIÁRIDO**. 1ed. Natal (RN): CCHLA, 2016, v. 1, p. 316-326.
- CARNEIRO, R. N. **Circuito INFERIOR E FLUXOS SÓCIOESPACIAIS: A FEIRA LIVRE DE PAU DOS FERROS – RN**. Mossoró-RN, 1 Ed. Offset Editora, 2014.
- CATAIA, M. **Relevância Das Fronteiras No Período Atual: Unificação Técnica E Compartimentação Política Dos Territórios**. *Scripta Nova*, Revista Electrónica De Geografía Y Ciencias Sociales. Universidad de Barcelona, V. XI. n. 245, p. 01-11, agosto de 2007.
- DANTAS, Joseney R. Q; CLEMENTINO, Maria do Livramento M. As Cidades (inter) Médias no Desenvolvimento Regional: um estudo sobre Pau dos Ferros (RN). In: **Anais do Encontro Nacional da ANPUR**. 2015. Disponível em: <http://unuhospedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/4340/4210> Acesso em maio de 2017.
- DIAS, Renato da Silva. Lugares de fronteira: espaço territorial, simbólico e identitário-um ensaio. In: **Temporalidades**. – Revista Discente do Programa do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 3. n. 1. Janeiro/Julho de 2011.
- FRASSON, Margarete; SCHLOSSER, Marli T.S. Concepções e percepções de fronteiras dos Professores da Educação Básica revelada por meio da foto-resposta (Extremo Oeste do Paraná - 2012). In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 18, n. 2, maio/ago. 2014.
- MACHADO Lia Osorio. Estado, Territorialidade, Redes. cidades-gêmeas na zona de fronteira sul-americana. In: SILVEIRA, Maria Laura da (org.). **Continentes em Chamas**. Globalização e Território na América Latina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. Pg. 246-284, 2005.
- MOREIRA, Fayga; BARROS, José Márcio. Diversidade e identidades: fronteiras e tensões culturais no espaço urbano. In: **Políticas Culturais em Revista**, 2 (2), p. 50-59, 2009.
- NOGUEIRA, Ricardo José Batista. Fronteira: espaço de referência identitária? In: **Ateliê Geográfico**. Goiânia-GO v. 1, n. 2 dez/2007 p.27-41.
- SOUZA, Mariana Jantsch de. Fronteiras simbólicas - espaço de hibridismo cultural, uma leitura de dois irmãos, de Milton Hatoum. In: **Letrônica**. Porto Alegre, v. 7, n. 1, p. 475-489, jan./jun., 2014.
- SILVA, FRANCICLÉZIA DE SOUSA BARRETO ; GUERRA, E. C. ; DANTAS, J.R. de Q. . DESVELANDO ASPECTOS E LÓGICAS DA REPRODUÇÃO CAPITALISTA NO ESPAÇO: UM ESTUDO NO COMÉRCIO DE RUA EM PAU DOS FERROS/RN. RDE - **Revista de Desenvolvimento Econômico**, v. 17, p. 2015-814, 2015.

STURZA, Eliana Rosa. Espaço de enunciação fronteiriço e processos identitário. In: **Pro-Posições**, Campinas, v. 21, n. 3 (63), p. 83-96, set./dez. 2010.